

## O FRAGMENTO 11 W DE SIMÔNIDES DE CÉOS: TRADUÇÃO E COMENTÁRIO

Thiago Koslowsky da Rosa<sup>1</sup>

**Resumo:** Apresenta-se aqui uma nova tradução do fr. 11 W de Simônides. Editado pela primeira vez em 1992 e encontrado em meio aos *Papiros de Oxirrinco*, esse fragmento é importante por apresentar uma narrativa, aparentemente o início – o proêmio – de um poema dedicado à Batalha de Plateias, evento decisivo nas Guerras Médicas. Consideraremos assim a importância da descoberta desse fragmento, bem como o seu papel como forma de perpetuação da *glória* da vitória grega em Plateias. Por fim, serão apresentados alguns comentários pontuais sobre a reconstrução e a tradução do texto a fim de esclarecer determinados pontos da leitura do fragmento, assim como de nossas escolhas tradutórias.

**Palavras-chave:** Simônides de Céos; fr. 11 W; Oxirrinco; Guerras Médicas; Batalha de Plateias.

**Abstract:** In this work is presented a new translation of Simonides fr. 11 W, edited for the first time in 1992, having been found amid the *Oxyrrinchus Papiiri*. This fragment is important due to the presence of a narrative, apparently the beginning – the proem – of a poem dedicated to the Battle of Plataea, a decisive event in the Greco-Persian Wars. The importance of the founding of this fragment will be considered in this work, as well as its role as a mean to preserve the *glory* of the Greek victory in Plataea. At the end, some commentaries will be presented in order to clarify certain aspects of the reconstruction and of our translation choices.

**Keywords:** Simonides of Ceos; fr. 11 W; Oxyrrinchus; Greco-Persian Wars; Battle of Plataea.

Simônides de Céos é um dos mais importantes poetas da lírica grega arcaica, sendo particularmente notória a atribuição de ser o primeiro poeta profissional da Grécia Antiga (CAMPBELL, 1991, p. 379), o que o teria levado a circular intensamente pelo mundo grego da época, contando com patronos em diferentes regiões (desde a Tessália – no norte da Grécia – até Esparta – no sul do Peloponeso)<sup>2</sup>. O poeta também era bastante versátil, tendo composto em metros variados. Isso teria contribuído para sua vasta fama e gerado testemunhos que variam desde descrevê-lo como inventor de um sistema de mnemônica (técnicas de memorização) e de determinadas letras do alfabeto grego até à sua atribuição como autor de diversos epigramas (inscrições, em muitos casos funerárias), a maioria deles possivelmente falsa<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de pós-graduação em Letras da UFRGS, área de concentração: literatura, linha de pesquisa: Teoria, Crítica e Comparatismo.

<sup>2</sup> Para mais detalhes sobre a vida de Simônides enquanto poeta itinerante e sua relação com os patronos de diferentes cidades, ver o livro de Luisa Nazaré Ferreira, *Mobilidade Poética na Grécia Antiga: uma leitura da obra de Simônides* (2013).

<sup>3</sup> Em relação à técnica de memória atribuída a Simônides, Cícero (*De Finibus Bonorum et Malorum*, 2.104) relata que o general ateniense Temístocles se contrapõe a Simônides, dizendo que preferiria uma arte de esquecer, uma vez que não pode se esquecer do que não quer lembrar. Em relação aos epigramas, Campbell (1991, p. 380) relata que na Grécia Antiga epigramas eram atribuídos a Simônides “como ditos sábios a Confúcio ou anedotas musicais a Beecham” (“as wise saws to Confucius or musical anecdotes to Beecham”, tradução minha).

Um período importante de sua carreira parece ter sido, no entanto, após as Guerras Médicas entre a aliança de cidades-estados gregas e o império medo-persa Aquemênida. Neste período, ele teria atuado celebrando os feitos gregos ou lamentando seus mortos através de poemas e inscrições encomendadas por diferentes cidades gregas, como Atenas, Esparta e Corinto. Grandes personalidades políticas da época foram enaltecidas pelo poeta, como o rei Leônidas de Esparta (que comandou os célebres trezentos de Esparta na Batalha das Termópilas<sup>4</sup>) e o general também espartano Pausânias (que é particularmente importante no fr. 11 W que veremos a seguir)<sup>5</sup>. Vemos, assim, que Simônides era bastante “ecclético” quanto aos seus patronos, aparentemente mantendo-se neutro em meio às disputas políticas entre as cidades gregas. Esse fato de atuar tendo em vista apenas a remuneração (o que hoje em dia poderia ser tido como um exemplo de profissionalismo) levou-o a ser considerado como um poeta avarento, um motivo de anedotas satíricas<sup>6</sup>. No entanto, Simônides parece ter sido bastante reconhecido e valorizado em vida, tendo sido comissionado para compor obras mais extensas detidas sobre as batalhas centrais das Guerras Médicas. A enciclopédia bizantina *Suda* do século X d.C., por exemplo, cita as seguintes composições como de Simônides:

καὶ γέγραπται αὐτῷ Δωρίδι διαλέκτῳ ἢ Καμβύσου καὶ Δαρείου βασιλεία καὶ Ξέρξου ναυμαχία καὶ ἡ ἐπ' Ἀρτεμισίῳ ναυμαχία, δι' ἐλεγείας: ἡ δ' ἐν Σαλαμῖνι μελικῶς: θρήνοι, ἐγκώμια, ἐπιγράμματα, παιᾶνες καὶ τραγωδίαὶ καὶ ἄλλα.

E foram escritos por ele em dialeto dórico [um poema sobre] os reinos de Cambises e Dario, assim como as naumaquias de Xerxes e de Artemísio em dísticos elegíacos; e a de Salamina em versos líricos; [também escreveu] trenos, encômios, epigramas, peãs, tragédias entre outros<sup>7</sup>.

Pouco restou dos poemas maiores relatados pela *Suda*, sendo ainda curioso que não é relatado um poema em versos elegíacos sobre a Batalha de Plateias, do qual temos hoje o testemunho mais concreto, o fr. 11 W, assim como os frr. 10 W e 12-18 W (WEST, 1993, p. 2).

<sup>4</sup> Lembrado por Simônides nos epigramas VII, XXII(a) e XXII(b) FGE e no fragmento 531 PMG.

<sup>5</sup> Além do fr. 11 W, Pausânias é central nos epigramas XVII(a) e XXXIX FGE de Simônides. O primeiro epigrama é interessante por se tratar da dedicatória de uma trípode que Pausânias ofertou em Plateias após a batalha em nome de todos os gregos. Contudo o epigrama destacava Pausânias como o líder dos gregos, o que gerou desavença com cidades aliadas, como Atenas, de modo que a inscrição foi depois substituída pelo epigrama XVII(b), o qual não menciona Pausânias.

<sup>6</sup> O relato mais curioso é reportado por Aristóteles (*Retórica*, 1405b = Simônides fr.10 PMG) que narra que Simônides havia recusado inicialmente a encomenda de um epinício feita pelo vencedor de uma corrida de mulas, julgando ser uma competição pouco elevada, porém ao saber do valor que lhe seria pago, profere o verso: “Salvem filhas dos corcéis de cascos rápidos como a tormenta” (“χαίρειτ' ἀελλοπόδων θύγατρεις ἵππων”; tradução minha).

<sup>7</sup> Entrada Σ, 439 Adler.

Esse conjunto de fragmentos (fr. 10-18 W) foram encontrados em um aterro sanitário no local da antiga cidade de Oxirrínco, no Egito ao final do séc. XIX. Os *POxy* 2327 e 3965 (que, por sua vez, foram encontrados em fragmentos ainda menores) são as principais fontes para a reconstrução desses fragmentos de Simônides, e são formados a partir da reconstrução (da junção) desses fragmentos menores e, em determinados casos, pela comparação com citações de outros autores, como ocorre no caso dos frr. 15 e 16 W, que se sobrepõem à citação de Plutarco em *De Herodoti Malignate* (42 p., 872d). O *POxy* 3965 foi editado pela primeira por P.J. Parsons (1992 apud Boedecker & Sider, 2001, p. 3) e se tornou particularmente importante por trazer uma nova visão sobre a produção desse importante poeta do qual, assim como do restante da lírica grega arcaica, temos tão pouco material.

O fr. 11 W é formado assim pela junção dos frr. 5, 6 e 27 do *POxy* 2327 com os frr. 1 e 2 do *POxy* 3965, para a qual seguiremos a reconstrução proposta por Martin West (1998). Assim, podemos perceber que a própria disposição atual dos versos não é absolutamente precisa, sendo necessários ainda vários preenchimentos para as lacunas textuais, o que é marcado no texto grego pelos colchetes, que demarcam o início e o fim das letras legíveis dos versos. Mesmo assim esse fragmento é significativo devido a sua temática e extensão, sendo composto por 45 versos, dos quais muitos estão preservados em um estado relativamente bom.

A temática também importa, pois documenta um episódio muito relevante da história grega (a Batalha de Plateias) provavelmente pouco após seu desfecho. Essa batalha pode ser considerada como o momento decisivo no qual os gregos, até então em desvantagem e acossados pelos persas, passam ao ataque forçando-os de volta para a Ásia. Esse evento se dá no contexto da Segunda Guerra Médica (que ocorreu aproximadamente entre 480-479 a.C.), ou Segunda Invasão da Grécia, na qual os persas, liderados pelo general Mardônio e pelo rei Xerxes, moveram um exército colossal para os padrões da época a fim de concretizar o desejo de seu pai, Dario de conquistar toda a Grécia – que já havia tentado anteriormente, mas fora derrotado na Batalha de Maratona.

Embora na segunda invasão, os gregos estivessem em grande desvantagem numérica, conseguiram algumas vitórias “morais” na Batalha das Termópilas, na qual um pequeno contingente conteve os persas por alguns dias no estreito homônimo, e na Batalha Naval de Artemísio, na qual a frota naval grega, embora obrigada a retroceder e também em inferioridade, conseguiu impor grandes baixas à frota Aquemênida. No entanto, é apenas a partir das batalhas navais de Salamina e Mícale (esta travada supostamente no mesmo dia que a batalha por terra em Plateias) e propriamente a Batalha de Plateias que os gregos, de fato, conseguem grandes vitórias. É nesta batalha que o general Aquemênida Mardônio é morto, o

que leva Xerxes a deixar a Grécia e regressar à Ásia. Embora nessa batalha decisiva tenha atuado uma coalizão de exércitos de diferentes cidades gregas, o maior contingente e seu general comandante, Pausânias, eram espartanos.

Pausânias (mencionado diretamente no fr. 11 W, v. 34) era membro da família real espartana e regente do rei Plistarco, que era ainda muito jovem para assumir a função<sup>8</sup>. Não muito tempo após a batalha, porém, a reputação de Pausânias é abalada, sendo acusado de medismo (“conspirar com os medos”<sup>9</sup>) e de ter pretensões de ser tornar rei ou imperador dos gregos, de modo equivalente ao que havia no Império Aquemênida. Inicia-se, assim, um processo em Esparta contra o general, que o leva a abandonar sua campanha (agora em Bizâncio) e regressar à sua cidade duas vezes. Por fim, sua acusação evolui de conspirar com os persas para também conspirar com os helotas (os escravos de Esparta), o que o leva à condenação e à morte, quando se refugia no templo de Atena<sup>10</sup>. É incerto o quão verdadeiras foram essas acusações e o quanto não foram fruto de disputas internas ou pressão dos atenienses, que estavam preocupados com o poder adquirido por Pausânias após a Batalha de Plateia. Todos esses acontecimentos, no entanto, sugerem que a apresentação da composição de Simônides deve ter ocorrido em um período pouco posterior à batalha (em 479 a.C.), antes de Pausânias ter perdido seu prestígio, o que ocorreu cerca de dois ou três anos após a sua vitória em Plateias (LOOMIS, 1990, p. 491-492; NAFISSI, 2013, p. 60; RHODES, 1970).

Esse fato nos leva a outra discussão bastante presente em relação a esse fragmento que é a de sua ocasião de performance, ou seja, o contexto em que se deu a sua apresentação. O poema é uma elegia, gênero caracterizado pelo metro empregado, o dístico elegíaco – o qual se constitui pela alternância de um verso hexâmetro datílico e um pentâmetro datílico. A principal ocasião para a apresentação de elegias era o simpósio, um banquete privado, geralmente frequentado por cidadãos da classe alta em determinada cidade. No entanto, Ewen Bowie em seu artigo “Early Greek Elegy, Symposium and Public Festival” (1986) lançou a possibilidade de, além do simpósio, o festival público religioso ser um contexto adequado para composições desse gênero. Na época que o estudioso lançou essa hipótese não havia ainda nenhum exemplo de poema elegíaco que apresentasse alguma indicação de que teria sido executado em um festival, de modo que a primeira edição deste fragmento de Simônides em 1992, por aparentemente ser parte de uma narrativa mais longa detida sobre os eventos da Batalha de

---

<sup>8</sup> Heródoto (*Histórias* 9.10).

<sup>9</sup> Um fato que teria suscitado essa acusação, segundo Tucídides (*História da Guerra do Peloponeso*, 1.128-130), seria que Pausânias, durante sua estada em Bizâncio, teria adotado costumes persas, assim como dois guardacostas, um persa e outro egípcio (à época o Egito fazia parte do Império Aquemênida).

<sup>10</sup> Tucídides (*História da Guerra do Peloponeso*, 1.134).

Plateias (o que não seria tão propício para o ambiente mais descontraído e breve do simpósio), de certa forma “confirmou” a “premonição” de Bowie. O contexto da apresentação é, porém, bastante incerto, sendo conjecturados diversos festivais e cidades diferentes como propícios para a execução inicial do poema.

Antes de apresentarmos propriamente o fragmento e sua tradução, discutiremos brevemente a sua organização interna a fim de esclarecer como o fragmento tal como o temos agora se enquadraria no conjunto do poema. Nos versos iniciais (vv. 1-15), o poeta se detém sobre o mito de Aquiles (talvez como parte de um hino), mais especificamente sobre o mito de sua morte por interferência de Apolo. Nos vv. 15-18, há uma menção direta a Homero, ou aquele “que recebeu das Piérides de cachos de violeta toda a verdade” (v. 17), como o responsável por perpetuar e garantir a fama dos heróis da Guerra de Troia. Assim, inicia-se uma espécie de transição do tema mitológico para o contemporâneo (vv. 19-28), na qual ocorre uma invocação das musas. Desse modo, Simônides parece estar equiparando seu papel como poeta que preserva a memória dos que pereceram em Plateias com o papel desempenhado por Homero em relação aos guerreiros que lutaram em Troia. Essa parte parece constituir um proêmio, a introdução do poema. Em seguida, a partir do v. 29, inicia-se a narrativa dos acontecimentos de Plateias, que traz uma descrição (uma espécie de catálogo) das cidades aliadas<sup>11</sup>.

Desse modo, apresenta-se a seguir a edição do texto grego fornecida por West (1998) e a tradução aqui proposta, seguida pelo comentário de alguns aspectos pontuais relevantes para a compreensão do poema e para o esclarecimento de determinadas escolhas tradutórias. Ressalta-se que, como critérios de tradução, optou-se por uma tradução em versos livres, a fim de melhor demonstrar a distribuição dos conteúdos nos versos. Além disso, frisa-se que o intuito é de fornecer um vislumbre do texto em seu estado fragmentário, assim como um modo de apoio ao leitor do texto grego:

παῖ[σέ] σ, [ σὺ δ' ἦριπες, ὡς ὅτε πεύκη  
ἦ] πίτυν ἐν βήσ[σαι' οὔρεος οἰοπόλου  
ύλοτόμοι τάμ[νωσι  
πολλὸν δ' ἦρῶσ[  
ἦ μέγα πένθος λαὸν [ἐπέλλαβε πολλὰ δ' ἐτίμων, (5)  
καὶ μέτα Πατρ[όκλου σ' ἀ[γγεῖ κρύψαν ἐνι.  
Οὐ δὴ τίς σ' ἐδ]άμασσεν ἐφ[ημέριος βροτός αὐτός,  
ἀλλ' ὑπ' Ἀπόλλ]ωνος χειρὶ [τυπείς ἐδάμης.  
Παλλὰς δ' ἐγγύ]ς ἐοῦσα πε[ρικλεῆς ἄ]στ[υ καθεῖλεν  
σὺν δ' Ἡρη]. Πρ]ιάμου παισὶ χ[αλεπτ]όμ[εναι (10)  
εἵνεκ' Ἀλεξά]νδροιο κακόφρ[ονο]ς, ὡς τὸν [ἀλιτρόν

<sup>11</sup> Para uma visão oposta sobre a organização do poema, confrontar Pavese (1995), para o qual o atual fr. 11 W formaria parte de uma narrativa maior que teria como foco não os acontecimentos de Plateias, mas os de Termópilas e Leônidas de Esparta.

ἀλλὰ χρόνω]ι θεῖης ἄρμα καθεῖλε δίκ[ης.  
 Τοὶ δὲ πόλι]ν πέρσαντες ἀοίδιμον [οἴκαδ' ἵ]κοντο  
 φέρτατοι ἠρ[ώων ἀγέμαχοι Δαναοί],  
 οἴσιν ἐπ' ἀθά]νατον κέχυται κλέος ἀν[δρὸς] ἔκητι (15)  
 ὃς παρ' ἰοπ]λοκάμων δέξατο Πιερίδ[ων  
 πᾶσαν ἀλη]θείην, καὶ ἐπώνυμον ὀπ]λοτέρ]οισιν  
 ποιήσ' ἡμ]ιθέων ὠκύμορον γενεή]ν.  
 Ἀλλὰ σὺ μὲ]ν νῦν χαῖρε, θεᾶς ἐρικυ[δέος υἱέ  
 κούρης εἰν]αλίου Νηρέος αὐτὰρ ἐγώ] (20)  
 κικλήισκω] σ' ἐπίκουρον ἐμοί, π[ολυώνυμ]ε Μοῦσα,  
 εἴ περ γ' ἀν]θρώπων εὐχομένω]ν μέλαι  
 ἔντυον] καὶ τόνδ[ε μελ]ίφρονα κ[όσμον ἀο]ιδῆς  
 ἡμετ]έρης, ἵνα τις [μνή]σεται ὕ]στερον αὐ  
 ἀνδρῶ]ν, οἳ Σπάρτ[η] τε καὶ Ἑλλάδι δούλιον ἦμ]αρ (25)  
 ἔσχον] ἀμυνόμ[ενοι μή τιν' ἰδεῖν φανερ]ῶ[ς  
 οὐδ' ἄρ]ε]τῆς ἐλάθ[οντο, φάτις δ' ἔχ]ε]ν οὐρανομ[ήκ]ης  
 καὶ κλέος ἀ]νθρώπων [ἔσσει]ται ἀθάνατο<v>.  
 οἳ μὲν ἄρ' Εὐ]ρώταν κα]ὶ Σπάρτη[ς ἄστ]υ λιπόντ[ες  
 ὤρμησαν] Ζηνὸς παισὶ σὺν ἵπποδάμοις (30)  
 Τυνδαρίδα]ισ ἦρωσι καὶ εὐρυβίη]ι Μενελάω]ι  
 ἐσθλοὶ πατ]ρώης ἡγεμόνες π[ό]λεος,  
 τοὺς δ' υἱὸς θεῖοιο Κλεο]μβ[ρ]ότου ἕξ[α]γ' ἄριστ[ος  
 ]αγ. Πανσανίης.  
 Αἶψα δ' ἵκοντ' Ἴσθμὸ]ν καὶ ἐπικλέα ἔργα Κορίν[θ]ου (35)  
 νήσου τ' ἐσχατιή]ν Τανταλίδεω Πέλοπος  
 καὶ Μέγαρ' ἀρχαίην Ν]ίσου πόλιν, ἔνθά περ ὄ]λλοι  
 ] φῦλα περικτιόνων  
 - υυ θεῶν τεράε]σσι πεποιθότες, οἳ δὲ συν[  
 ἵκον Ἑλευσίνος γῆς ἐ]ρατὸν πεδίον (40)  
 Μηδείους γαίης Παν]δίονος ἐξε[λάσα]ντες  
 Ἰαμίδεω τέχναις μάν]τιος ἀντιθέου[  
 ]ς δαμάσαντ[  
 ]ι εἶδομεν[  
 -ώ]νυμον α.[ (45)

Golpeou-te, e tu caíste assim como quando um pinheiro  
 ou pinho nos estreitos vales da solitária montanha  
 pelos lenhadores é cortado.

Muitos dos heróis [

com efeito, grande sofrimento apoderou-se da tropa, em muitas coisas o  
 veneraram, (5)

e te guardaram na mesma urna de Pátroclo.

Não foi um efêmero mortal que te sobrepujou,  
 mas pela mão de Apolo golpeado, foste superado.

Palas, estando próxima, a cidade de muita glória arrasou,  
 acompanhada por Hera. Os filhos de Príamo sucumbiram (10)  
 por causa do maligno Alexandre, assim o infrator,  
 depois de um tempo, o carro da justiça divina apanhou.

A sua pólis muito cantada destruíram e voltaram para casa  
 os valorosos Dânaos, mais fortes dos heróis,

que são aspergidos por imortal glória por causa do homem (15)

que recebeu das Piérides de cachos de violeta toda a verdade, e nome reconhecido entre os jovens  
 fez o da raça dos semideuses de breve existência.  
 Mas agora de ti me despeço, filho da célebre deusa,  
 filha do marítimo Nereu; eu agora (20)  
 invoco-te como minha aliada, Musa de muitos nomes,  
 se realmente cantas sobre os homens que oram,  
 prepare e com dulcífero arranjo cante  
 para nós, a fim de que alguém no futuro se lembre daqueles  
 homens, que o dia da escravidão de Esparta e Grécia (25)  
 impediram para que ninguém o veja novamente,  
 não esquecendo da excelência, tendo a fama alcançado o céu,  
 a glória entre os mortais será imortal.  
 Eles, que o Eurota e a cidade de Esparta deixaram,  
 puseram-se ao ataque acompanhados dos domadores de cavalos filhos de Zeus, (30)  
 os heróis tindáridas, e de Menelau de ampla força  
 os melhores líderes da cidade pátria;  
 conduziu-os, o melhor, filho do divino Cleômbroto,  
 Pausânias.  
 Rapidamente chegaram ao istmo e aos ínclitos campos de Corinto (35)  
 e no extremo da ilha do Tantálida Pélops  
 e em Mégara, antiga cidade de Nisos, lá outras  
 raças vizinhas  
 ...dos deuses com sinais tendo persuadido, eles junto[  
 chegaram na amável planície da terra de Elêusis (40)  
 expulsando os medos da nação de Pândion  
 Iâmideo nas artes de adivinhação par dos deuses  
 ].s sobrepuj[  
 ].i tendo visto[  
 -nome a. [ (45)

## Comentário

**vv. 1-4.** Nestes versos a morte de Aquiles é comparada a um pinheiro que é derrubado por lenhadores na montanha. Os termos "πέυκεν" e "πίτυν" são virtualmente sinônimos, de modo que Pavese (1995, p. 9), apoiando-se em estruturas semelhantes em Homero e Apolônio Ródio,<sup>12</sup> prefere o termo "δρῦν" (que remete ao sentido de árvore em geral) para a lacuna do segundo verso. A metáfora do lenhador é empregada também em Hesíodo (*Trabalhos e Dias*, v. 807), em um contexto de culto à deusa Deméter (mencionada também no fr. 17 W de Simônides, também parte do poema de Plateias).

<sup>12</sup> Respectivamente, *Ilíada* 16.482-484 e *Argonáutica* (3.1375).

v. 5. “πένθος λαὸν” (“sofrimento da tropa”) evoca o nome de Aquiles, formado provavelmente a partir de “ἄχος” (“dor” ou “luto”) e “λαόν” (“povo” ou “tropa”), sendo que, para Nagy (1994, p. 4), “ἄχος” e “πένθος” são virtualmente sinônimos na linguagem homérica. Na tradução, optou-se por privilegiar o sentido geral da passagem de que “grande sofrimento apoderou-se da tropa”, não enfatizando assim o jogo de palavras. A associação de Aquiles como a “dor do povo” pode ter uma relação com o tema central da *Ilíada*, em que sua “ira” (“μῆνιν”), provocada pela briga com Agamêmnon, gera inúmeras dores ao exército grego. Sem o apoio de seu principal guerreiro, os gregos penam por vários anos sem conseguir conquistar Troia (NAGY, 1994, p. 7-8). Simônides pode estar evocando esse sentido de luto ligado à imagem de Aquiles a fim de equiparar a dor que Aquiles causou aos gregos do passado com aquela que a Batalha de Plateias causou aos gregos de seu tempo, com a perda de importantes guerreiros. Esse fato traz indícios também de que o poema pudesse ter sido executado em um contexto de luto, como em uma solenidade em memória dos soldados que pereceram na batalha.

v. 6. A menção a Aquiles ter seus restos mortais depositados juntos dos de Pátroclo é uma imagem que já aparece na *Ilíada*<sup>13</sup> – antes mesmo da morte de Aquiles, que não é narrada nesse poema. Essa menção levou Schachter (2016) a supor que a ocasião de performance original do poema fosse em algum local que prestasse culto conjunto de ambos heróis ou que fosse tido como o túmulo de ambos, que o autor considera serem possíveis a Ilha Branca no Mar Negro (considerada como o local em estava túmulo conjunto desses heróis<sup>14</sup>) ou o *Achilleion*, santuário em Sigeu (cidade próxima ao Helesponto).

v. 7-8. Aquiles é descrito como morto pela “mão de Apolo” (Ἀπόλλωνος χειρὶ), sem mencionar aparentemente a participação de Páris. Pavese (1995, p. 10) destaca que circulavam diferentes menções para o modo como Aquiles era morto, algumas destacam que era apenas por Apolo, apenas por Páris ou em uma ação conjunta de ambos. De qualquer forma, no poema de Simônides, é destacada a grandiosidade de Aquiles, cuja morte não poderia se dar por um mortal. Esse fato suscita a ideia de que o poema tivesse sido recitado em contexto de culto a Aquiles, possivelmente considerado como uma divindade, ou a sua mãe, Tétis.

---

<sup>13</sup> Nos cantos 23 (v. 84) e 24 (v. 77).

<sup>14</sup> Chamada de “Ἀχιλλείως νήσος” (“ilha de Aquiles”) por Ariano (*Périplo do mar Euxino*, parág. 32) e de ilha *Achillis* pelo historiador romano Plínio (*História Natural*, 4.34).

**vv. 9-12.** Nessa passagem é demonstrada a destruição de Troia como uma punição de Atena e Hera pela iniquidade de Páris – estando incerto se seria pelo rapto de Helena ou pela morte de Aquiles. Essa, no entanto, é a leitura proposta a partir da edição de West (1998); Pavese (1995) propõe uma leitura oposta que relaciona essa passagem à menção anterior a Apolo, destacando que o deus teria morto Aquiles devido a sua amizade com os troianos e Páris. Seguimos aqui a reconstrução de West, considerando mais provável que o poeta, em um momento de louvor a Aquiles, não teria tanto interesse em ressaltar a associação de Apolo com Troia, mas sim das deusas Atena e Hera com os gregos, o que possivelmente teria repercussão para o entendimento de que essas deusas também apoiaram os aliados gregos na Batalha de Plateias.

**v. 13.** O vocábulo “*αοίδιμος*” (“muito cantada”) aparece uma única vez em Homero, utilizada em um momento que Helena relata a Heitor que Zeus dera má sorte a ela e Páris para que fossem “cantados”<sup>15</sup> na posteridade. Ferreira (2013, p. 299) conclui a partir disso que a imortalidade causada pelo poeta é conferida tanto aos vencedores quanto aos vencidos. De todo modo, o emprego por Simônides de um vocábulo tão peculiar em Homero parece evocar justamente o sentido de que o sentimento de dor dos mortais é imortalizado através da poesia.

**v. 15.** O poeta destaca a glória (“*κλέος*”) dos guerreiros vitoriosos no passado, qualificando-a como “*ἄθάνατον*” (“imortal”). Essa adjetivação não era a mais usual na poesia épica, que preferia expressões como “*κλέος ἄφθιτον*” (“glória imperecível”). Isso demonstra que para Simônides a glória conferida por Homero não era apenas no sentido de preservar a memória dos guerreiros, mas que foi capaz de elevá-los ao status de imortais, algo que também parece desejar fazer (BOEDECKER, 2001, p. 195).

**v. 17-18.** Destacamos nestes versos as expressões “*πᾶσαν ἀληθινήν*” (“toda a verdade”) para remeter ao modo como Homero relatou os eventos da Guerra de Troia e “*ὠκύμορον γενεήν*” (“estirpe ... de breve existência”) para a geração desses heróis. A menção a “toda a verdade” demonstra como, na visão do poeta de Céos, Homero não apenas representa os fatos narrados, mas é um criador capaz de reportar toda a verdade (talvez toda a verdade necessária) de eventos já distantes de seu tempo, considerando que Homero – ou o texto homérico – era bastante posterior à Guerra de Troia. O adjetivo “*ὠκύμορον*” é bastante particular de Aquiles na poesia épica (CAPRA & CURTI, 1995, p. 30), o que indica o uso da imagem do herói como um

---

<sup>15</sup> *Iliada* (6.357-358).

paradigma de sua geração. Fantuzzi (2001, p. 235) destaca, nesse sentido, que “γενεήν” não teria aqui o sentido de “estirpe”, mas de “raça”, de modo que remeteria à geração dos combatentes de Troia de modo geral.

**v. 19.** A partícula “ἀλλά” (“mas”) logo no início deste verso destaca o aspecto de transição que começa neste verso. Já a expressão “χαῖρε” pode ser uma saudação, leitura defendida por Pavese (1995), ou uma despedida. Optamos por essa leitura na tradução, a fim de enfatizar a transição entre o tema mitológico que estava sendo abordado até então e a narrativa de um evento do contemporâneo do poeta. Aquiles é também mencionado neste verso como filho da deusa Tétis, uma náiade, divindade marítima filha de Nereu (mencionado no verso seguinte) –, o que pode indicar talvez que o contexto não fosse um culto de Aquiles propriamente, mas de sua mãe.

**v. 20.** A expressão “αὐτὰρ ἐγώ” (“mas agora eu”) demarca enfaticamente a entrada da voz do poeta enquanto alguém que também recebe os dons da Musa como Homero. Serve também para equiparar-se a Homero no que diz respeito à capacidade de elevar e perpetuar a glória dos guerreiros de Plateias.

**v. 21.** A menção à musa como “ἐπίκουρον” (“aliada”) é peculiar na poesia grega. O termo é geralmente empregado na linguagem militar, motivo pelo qual optou-se pelo termo “aliada” na tradução, em vez de outros em língua portuguesa que também poderiam transmitir o sentido de “auxiliar” que o vocábulo exerce nessa passagem. O emprego dessa expressão pode indicar uma mudança na relação do poeta do período arcaico com a musa, pois, enquanto na épica o poeta dependia inteiramente da musa para fazer seu relato – evidenciado pelo emprego de “πᾶσαν ἀληθινήν” (“toda a verdade”) no v. 17 –, o poeta mélico é testemunha dos eventos que relata, de modo que a musa exerce uma função auxiliar na composição e na execução do poema (ALONI, 2001, p. 95; FERREIRA, 2013, p. 302).

**v. 25.** A singularização de Esparta na expressão “Σπάρτην τε καὶ Ἑλλάδι” (“Esparta e Grécia”) parece indicar que o poeta dá proeminência a essa cidade. A expressão também é utilizada em um epigrama de Simônides (XVI FGE), que destaca, porém, os feitos de Mégara, e muda apenas o nome da cidade na fórmula: “Ἑλλάδι καὶ Μεγαρεῦσιν” (“Grécia e Mégara, v. 1, tradução minha).

**v. 28.** Há aqui uma repetição da expressão “κλέος ... ἄθάνατον” (“glória ... imortal”) ecoando o outro uso feito no v. 15. Essa repetição enfatiza a intenção de “imortalizar” os guerreiros do seu contemporâneo como fez Homero no passado.

**v. 31.** Neste verso, há o destaque a duas figuras importantes dos cultos heroicos espartanos: os Tindáridas (também chamados de Dióscuros), Cástor e Pólux, e o rei da cidade no período da Guerra de Troia, Menelau (que, apesar de não ser natural de Esparta, por ter se casado com Helena herdou o reinado). Cástor e Pólux eram naturais de Esparta e irmãos de Helena. Por terem a mesma mãe, mas pais diferentes, sendo Cástor filho de Zeus e Pólux de Tindareu (o então rei de Esparta), o primeiro gozava da imortalidade enquanto o segundo era mortal. No entanto, com a morte de Pólux, Cástor pede a Zeus para que o dom da imortalidade seja também concedido a seu irmão, o que é concedido, mas com a condição de que enquanto um estiver na terra o outro deve estar no Hades.

Eram divindades populares em Esparta, mas mais interessante para a discussão do fr. 11 W é a associação deles com a instituição dos dois reis de Esparta. Heródoto (*Histórias* 5.75.2) conta que foi estabelecido em Esparta que quando um rei fosse para a guerra, apenas um dos Tindáridas seria invocado para acompanhá-lo, assim sempre teríamos um rei e um Tindárida em Esparta. Essa passagem de Heródoto demonstra como o culto espartano de Cástor e Pólux possuía também um sentido político importante.

**vv. 33-34.** Pausânias é mencionado nominalmente nestes versos como o “melhor” (“ἄριστος”) entre os gregos. Essa menção poderia indicar que Pausânias seria o patrono que encomendou o poema a Simônides, sendo a relação entre ambos atestada pela trípode que Pausânias dedicou em Plateias em nome de todos os gregos com um epigrama escrito por Simônides, o epigrama XVII(a) FGE. No entanto, após a batalha de Plateias, os aliados gregos conferiram o primeiro prêmio de mérito a Pausânias<sup>16</sup>, de modo que não seria estranho se o poeta mencionasse esse general mesmo não sendo ele seu patrono na ocasião.

**v. 35.** Após ter sido mencionado o contingente espartano e seu general, o poeta menciona primeiramente a cidade de Corinto. Essa menção é particularmente interessante por Plutarco<sup>17</sup> ter utilizado este poema de Simônides como exemplo de que os coríntios tiveram uma participação importante em Plateias, ao contrário do que dizia Heródoto.

<sup>16</sup> Diodoro Sículo (*Biblioteca Histórica* 11.33).

<sup>17</sup> *De Malignate Herodoti*, 42 p. 872d = Simônides fr. 15-16 W.

v. 40. É mencionada a cidade de Elêusis, o ponto final onde se reuniram os aliados gregos antes da batalha. Para Boedecker (2001b, p. 162) a expressão “ἐρατὸν πεδίον” (“amável planície”) caso se referira de fato a Elêusis é certamente relacionada a Deméter, que possuía um santuário na planície de Elêusis.

v. 42. O patronímico *Iamidai* refere-se a uma família de adivinhos natural de Olímpia. Muito provavelmente remete aqui a Tisâmeno, o adivinho “oficial” dos espartanos durante a Segunda Guerra Médica. Antes da Batalha de Plateias, Tisâmeno teria proferido um vaticínio<sup>18</sup> que previa que se os gregos não ultrapassassem o rio Asopo, mas esperassem os persas onde estavam, obteriam a vitória. Esse vaticínio parece ser narrado no fr. 14 W de Simônides, também parte do poema de Plateias.

## REFERÊNCIAS

ALONI, A. The Proem of Simonides’ Plataea Elegy and the Circumstances of its Performance. IN: BOEDECKER, D.; SIDER, D. (orgs). **The New Simonides: Contexts of Praise and Desire**. New York: Oxford University Press, 2001. p. 86-105.

BOEDECKER, D.; SIDER, D. Introduction. IN: BOEDECKER, D.; SIDER, D. (orgs). **The New Simonides: Contexts of Praise and Desire**. New York: Oxford University Press, 2001. p. 3-7.

BOEDECKER, D. Paths to Heroization at Plataea. IN: BOEDECKER, D.; SIDER, D. (orgs). **The New Simonides: Contexts of Praise and Desire**. New York: Oxford University Press, 2001. p. 148-163.

BOWIE, E.L Early Greek Elegy, Symposium and Public Festival. **Journal of Hellenistic Studies**, v. 106, p. 13-35, 1986.

CAPRA, A.; CURTI, M. Semidei Simonidei: Note sull’elegia di Simonide per la battaglia di Platea. **ZPE**, v. 107, p. 27-32, 1995.

CAMPBELL, D.A. **Greek Lyric Poetry: A Selection of Early Greek Lyric, Elegiac and Iambic Poetry**. London: Macmillan, 1991.

FERREIRA, L.N. **Mobilidade poética na Grécia Antiga: uma leitura da obra de Simônides**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

LOOMIS, W.T. Pausanias, Byzantion and the Formation of the Delian League: A Chronological Note. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, v. 39, n. 4, p. 487-492, 1990.

---

<sup>18</sup> Heródoto (*Histórias*, 9.36).

NAFISSI, M. Pausania, il vincitore di Platea. IN: BEARZOT, C.; LANDUCCI, F. **Contro le 'leggi immutabili'**: gli Spartani fra tradizione e innovazione. Milano: Vita e Pensiero, 2013. p. 53-90.

NAGY, G. The Name of Achilles: Questions of Etymology and "Folk-Etymology". **Illinois Classical Studies**, v. 19, p. 3-9, 1994.

PAGE, D.L. **Further Greek Epigrams**: Epigrams before A.D. 50 from the Greek Anthology and other sources, not included in Hellenistic Epigrams or The Garland of Philip. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

PAGE, D.L. **Poetae Melici Graeci**. London: Oxford University Press, 1962.

RHODES, P.J. Thucydides on Pausanias and Themistocles. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, v. 19, n. 4, p. 387-400, 1970.

SCHACHTER, A. Simonides' elegy on Plataia: the occasion of its performance. IN: SCHACHTER, A. **Boiotia in Antiquity**: selected papers. Preface by Hans Beck. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 227-235.

WEST, M.L. **Iambi et Elegi Graeci ante Alexandrum Cantati**. New York: Oxford University Press, 1998. v.2.